

A

António

Guterres

## A longa caminhada

O próximo senhor das Nações Unidas terá cinco anos para aproximar nações cada vez mais desunidas por uma ordem mundial caótica. “Comunicador nato”, Guterres terá de fazer uso das suas capacidades de negociador para alcançar aquilo a que se propôs. Mas um mandato pode não chegar.

**DAVID SANTIAGO**  
dsantiago@negocios.pt

**MIGUEL BALTAZAR**



António Guterres está perante um paradoxo: vai correr uma maratona, mas terá de começar o mandato com um “sprint”. Esta é a ideia-chave para Miguel Monjardino, professor de Segurança Internacional no Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica, que define como crucial a primeira fase do mandato do português à frente das Nações Unidas (ONU). Da crise dos refugiados ao conflito sem fim na Síria, passando pela, há muito tempo pedida, reforma da ONU, são vários e complexos os desafios que António Guterres terá de enfrentar nos próximos cinco anos. A sua maratona começa a 1 de Janeiro de 2017, dia em que assumirá as rédeas da organização.

Depois da rara unanimidade conseguida da parte do Conselho de Segurança (CS) da ONU, o português foi, esta quinta-feira, aclamado secretário-geral da organização pelos 193 Estados-membros com assento na assembleia-geral (AG). No primeiro discurso como líder eleito da ONU, António Guterres mostrou “gratidão e humildade” pela “demonstração extraordinária de confiança” que o consenso em torno do seu nome representa e que é um acréscimo de “responsabilidade”. O ex-Alto-Comissário da ONU para os Refugiados chega assim com legitimidade reforçada ao “cargo mais impossível do mundo”. Porém, avisa Bernardo Pires de Lima, investigador do Instituto Português de Relações Internacionais (IPRI), “a aclamação no CS, mais do que na AG – que é a tradição nestes processos –, eleva as expectativas do seu mandato em demasia”. Consciente disso mesmo, Guterres fez questão de se mostrar “completamente consciente da limitação” relativamente aos “desafios que enfrento”.

É que Guterres terá pela frente uma prova de fundo. E não tem tempo a perder. Monjardino recorre ao “desastroso” primeiro mês do ainda secretário-geral da organização, Ban Ki-moon, para explicar que as “más escolhas” então feitas acabaram por marcar os dois mandatos cumpridos pelo sul-coreano. Por isso, o professor de Segurança Internacional considera que os primeiros meses “serão decisivos enquanto período de afirmação e porque definirão a forma

como os membros permanentes do CS e da AG vão olhar para Guterres e respectiva equipa”.

Independentemente das opções dos mais imediatos antecessores, a verdade é que o secretário-geral eleito chega à liderança das Nações Unidas num momento de particular incerteza. Enquanto Boutros-Ghali, Kofi Annan e Ban Ki-moon encontraram o mundo unipolar pós-Guerra Fria, de fim da História e hegemonia dos Estados Unidos, o antigo primeiro-ministro de Portugal confrontar-se-á com uma ordem internacional marcada pela desordem. Como o próprio dizia, no final de 2014, em entrevista ao Público, “hoje não vivemos num mundo bipolar, não vivemos num mundo unipolar, mas também não vivemos num mundo multipolar. Vivemos num mundo relativamente caótico.”

E desde estão tudo se complexificou. Há um novo ciclo nas Relações Internacionais, em transmutação para algo que ninguém consegue definir com precisão. Os conflitos sucedem-se, como são exemplo as guerras civis no Leste da Ucrânia, no Iémen, na Líbia ou ainda no Sudão do Sul. Na mesma entrevista, reflectindo sobre os conflitos que marcam este novo tempo, Guterres apontava o dedo ao CS por ter sido “incapaz de agir”. Agora o português será interlocutor privilegiado junto do CS, órgão composto por 15 países e blindado pelo direito de veto dos cinco membros permanentes (P5).

O legado do português dependerá, em grande medida, da sua “ca-